

A MEMÓRIA DO FOGO

A pintura é poesia silenciosa e a poesia é pintura que fala

Simônides Melicus, poeta grego 556 a.C.

Atribui-se a ele a invenção da arte da memória.

Num antigo livro publicado na Alemanha, em 1619, em sua primeira página, aparece uma gravura representando uma cabeça vista de perfil com um terceiro olho e alí, a seguinte inscrição: "oculus imaginationis" - "olho da imaginação". O autor do texto, o inglês Robert Fludd(1) fazia uso da tradição hermético-cabalística do Renascimento para estudar a "Arte da memória". Recomendava-se como primeiro passo para se estabelecer uma memória artificial, a criação de uma série de lugares ou "loci". As coisas a serem memorizadas deveriam ser guardadas em espaços mentais construídos a partir de sólidas referências visuais. Os conteúdos eram colocados em estruturas geométricas ou ainda em espaços arquitetônicos que serviam como ícones analógicos para a recuperação imediata das mensagens ali guardadas. Um dos "lugares" utilizados por ele era o obelisco, símbolo egípcio que faz alusão a uma "escrita interna" através da qual se superaram as confusões de Babel, onde a palavra perdera seu significado.

O discurso criativo de Martha Niklaus associa-se às imagens da perdida "Arte da memória". A artista constrói seus "loci" a partir da superposição de toras de madeira de tamanhos decrescentes envolvidas em grades de arame. Os objetos empilhados verticalmente atingem uma forma piramidal. Cada patamar desta instalação foi construído e costurado num todo muito preciso. A etapa de montagem das toras encapsuladas remete simbolicamente ao processo da construção cognitiva quando, pouco a pouco, preenchemos metodicamente os vários patamares do nosso conhecimento na busca de um pensamento racional e cartesiano.

À construção sucedeu-se a etapa seguinte: a queima.

Aqui entra o rito ou como se diz em grego "dromenon", coisa realizada, de onde deriva a palavra "drama". Os gregos se deram conta de que para se efetuar um rito deve-se fazer algo, ou seja, não se deve apenas sentir senão expressar o sentimento através de uma ação. O fogo tomou então conta da estrutura, esvaziou seus conteúdos deformou o seu corpo, transmutou o sólido em gasoso, o cheio em vazio. A estrutura ritualisticamente transmutada e calcinada pelas altas temperaturas do fogo torna-se assim, uma alegoria para a nossa própria idéia de memória e pensamento. Como nos diz Walter Benjamin ao falar da alegoria; esta é uma presença "in absentia". É o que temos aqui como resultado da queima, uma ausência, um corpo vazio, uma reminiscência. Alegoria que nos fala de nós mesmos homens indefesos diante da força avassaladora do tempo.

Após a queima, o carvão que ficou entre as malhas da grade, os restos fossilizados do processo de transformação ainda continuam agindo como metáfora daquele corpo primordial que concluiu seu processo evolutivo e esgotou-se na queima. Os carvões e cinzas que tentam escapar da grade na forma de minúsculos pedaços nos remetem às coisas e às idéias que fogem incontroláveis do alcance do domínio racional. Ou seja, esta trama esvaziada marca agora a etapa de conclusão do processo racional que tenta sobrepujar e reter os resíduos do corpo irracional carregado da força primitiva da vontade. O objeto deixa filtrar um desejo de autoridade que se baseia na origem da própria vida, que age continuamente provendo a validação da mesma, mesmo em um mundo em colapso. O desenho da natureza preencheu indelevelmente o molde.

As coisas são a matéria do discurso e as palavras são a linguagem de que a matéria se reveste. Na proposta de Martha a arte se une à natureza, encontra o que ela deseja e procede segundo suas diretrizes. O objeto, a grade, se une à palavra revestindo-se de uma memória que nada mais é do que uma alegoria. As imagens ativas, ou seja, aquelas que nos arrebatam são portadoras de excepcional beleza e singularidade, como é o caso do fogo. Neste ritual de passagem voltamos a um estado primordial, a um tempo vivido, uma volta a eras ancestrais do nosso eu, a um tempo da origem. Nossos conteúdos simbólicos nos ajudam a procurar uma cura para o tormento da existência no tempo.

Este retorno ritual ao recuperar o passado recupera também a estrutura do discurso surgindo assim um novo caminho para as especulações sistemáticas, dilatando o tempo. Aqui voltamos à questão da memória já que ela é considerada o conhecimento por excelência. As crises e as tragédias, as alegrias e as conquistas fazem parte da condição humana. Nossa memória é capaz de recuperar as mais distantes imagens interiores e neste processo conseguimos trapacear o tempo superpondo-nos a ele.

Fora da natureza a imaginação é a única chave capaz de abrir a porta para os segredos da criação, ou seja, ela é capaz de atualizar os conteúdos racionais e irracionais da mente humana através de sua forma de manifestação que é a arte.

1. Fludd, Robert. *Utriusque Cosmi Maioris, etc.* Oppenheim, Joan-Theodori de Bry, 1619.